

RESUMO

O propósito deste trabalho é analisar a figura de “Seu Chaga” como um ícone para a cultura tianguaense, percebendo sua influência em diversos aspectos da vivência dos moradores da cidade. Compreender com base em análises de cordéis, jornais e principalmente da oralidade, como se deu a construção da mitificação e recriação da personagem de Chaga da Onça (Francisco das Chagas Albuquerque), para o imaginário popular de Tianguá – CE.

PALAVRAS- CHAVE: Chaga da Onça, mitificação, popular, Tianguá.

RÉSUMÉ

L'intention de ce travail est analyser la figure de « Sa Plaie » comme une icône pour la culture tianguaense, en percevant son influence dans de divers aspects de l'expérience des habitants de la ville. Comprendre sur base d'analyses de cordeaux, de journaux et principalement de l'oralité, comme s'est donné de la construction de la mitificação et de la récréation du personnage de Plaie de l'Once (Francisco des Plaies Albuquerque), pour le imaginaire populaire de Tianguá - CE.

MOTS CLÉS: Chaga da Onça, mitificação, populaire, Tianguá.

INTRODUÇÃO

A memória de Chaga da Onça está cada vez mais presente em Tianguá- CE¹ e é expressa através de diversos meios, como: a literatura de cordel, história infantil, festivais e, principalmente, através da oralidade. São nas conversas informais nos grupos de amigos, nas mesas de bares ou nas reuniões de família que sua fama se perpetua, através das contações de suas inúmeras histórias ou mesmo das lembranças sobre sua vida, das contradições que o cercam etc. É a partir dessa tessitura das várias memórias produzidas em relação à personagem que ela é recriada, resignificada, fazendo com que não seja esquecida com o passar dos anos.

O objetivo desta pesquisa é apresentar para o leitor como o processo de construção da memória desse homem simples, nascido na cidade de Coreáú², filho de um lavrador e uma costureira tem sido perpetuada e reconstruída pelos moradores de Tianguá. Qual a importância dessas histórias ditas “mentirosas” para a população dessa cidade? Por que um homem comum, que não apresentava nem um tipo de ostentação, a não ser o dom da palavra, sabiamente proferida através de seus causos mirabolantes, utilizados para entreter e divertir os seus ouvintes, ficaria tão conhecido no local e nas regiões circunvizinhas? Por que a memória sobre ele tem sido cada vez mais fortalecida no decorrer dos anos?

Essas são as questões que nos motivam a desempenhar a difícil e delicada tarefa de enveredar pelos caminhos da pesquisa e de nos arriscarmos a construir a história de uma pessoa comum, que não possui muito espaço para especificidades nos documentos oficiais. É o que nos move a caminhar pelos caminhos escorregadios da oralidade, porém muito válidos, e querermos protagonizar indivíduos que, muitas vezes, encontram-se no anonimato histórico.

Todas as citações aqui apresentadas, sejam por meio de literatura de cordel ou infantil, trechos dos depoimentos conseguidos e das referências a sua pessoa em sites e

¹ Município brasileiro do estado do Ceará, localizado na região norte do estado. Sua população atualmente está estimada em cerca de 70.000 habitantes. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em: 20/06/11.

² Coreáú é um município brasileiro do estado do Ceará, localizado na microrregião de Coreáú, mesorregião do Noroeste Cearense. Terra natal de políticos como Francisco Flamarion Portela e José Leônidas de Meneses Cristino. Sua população estimada em 2004 era de 21.221 habitantes. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org>>. Acessado em 21 de junho de 2011.

redes sociais, constituem parte da recriação feita da pessoa de “Seu Chaga” e do fortalecimento de sua memória.

Somos conscientes da importância das histórias e da apropriação que os indivíduos fazem delas, para a preservação e reafirmação da identidade de um determinado grupo ou sociedade. É também por isto que abrimos espaço neste trabalho para os causos e sujeitos que de forma sutil dão vida às palavras e às memórias sobre Chaga da Onça.

1. DESVENDANDO O POVO NO EMARANHADO DA HISTÓRIA

A grande tradição é cultivada em escolas ou templos; a pequena tradição opera sozinha e se mantém nas vidas dos iletrados [...] As duas tradições são interdependentes. A grande tradição e a pequena tradição há muito tempo têm se afastado reciprocamente e continuam a fazê-lo [...].³

1.1 - As pessoas comuns e a historiografia

Por muito tempo a História marginalizou temas atualmente bastante estudados em seus diversos campos. Isso porque havia um apego aos grandes personagens ou eventos, deixando de lado, com isso, a referência às massas, que geralmente eram lembradas “em circunstâncias excepcionais- como as grandes revoluções ou insurreições sociais⁴”. A história dos *Annales*⁵, contudo, trouxe novas perspectivas para a História, tornando-a mais “democrática” no sentido de contemplar o enfoque às várias realidades, das classes mais abastadas e às mais subalternas.

Por muito tempo a História ignorou a maioria. Entendemos que esta foi uma estratégia da escola positivista do século XIX, a fim de perpetuar essa forma de fazer história. No entanto, defendemos uma história aberta para as experiências dessas ‘massas’, pesquisando-as em suas especificidades. Para isso, é preciso que nos desvinculemos da idéia de encontrarmos registros históricos somente em instituições ou profissionais “habilitados” e nos disponhamos a ampliar o nosso olhar para as questões

³ BURKE, Peter. Unidade e Diversidade na Cultura Popular. In: *A Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*; tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁴ HOBBSAWM, Eric. A História de baixo para cima. In: *Sobre História*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 217.

⁵ A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX.

do cotidiano, que podem se tornar passaportes para o enriquecimento histórico, pois é inegável a presença do homem nessas experiências.

Atualmente vemos um grande número de obras publicadas, filmes⁶ e documentários voltados para as questões que dizem respeito às pessoas comuns, pois segundo Vainfas, “o historiador seria, assim, por excelência, um pesquisador de evidências periféricas, aparentemente banais, incertas, porém capazes, se reunidas em uma trama lógica de reconstruir a estrutura e dinâmica de seus objetos”⁷. Esse novo olhar sobre a história possibilitou aos historiadores uma maior dinâmica na apreensão dos fatos, pois as diversas linguagens identificadas como documentos pela Nova História enriquecem o fazer histórico. Além do mais, como desconsiderar todos esses meios, sabendo que as manifestações humanas estão em todos os lugares? Porém, utilizar todas essas linguagens em um contexto da História torna-se bastante delicado, pois é preciso que se analise mais do que simplesmente o que está representado. É necessário que o pesquisador se preocupe em entender o porquê de estar sendo representado e em que lugar social o mesmo foi produzido.

“A maior parte da história no passado era escrita para a glorificação e talvez para o uso prático dos governantes. De fato, certas modalidades de história ainda possuem essa função.”⁸ por sua vez, “as pessoas comuns, durante a maior parte desse período, aceitavam sua posição subalterna, e na maioria dos casos limitavam seus esforços, por pequenos que fossem, ao combate dos opressores com quem tinham contato imediato. [...] Assim, em certo sentido, ele estava fora do universo político deles e eles estavam fora do seu”⁹. Porém essa realidade foi, ao longo dos anos, sendo modificada, sobretudo, a partir da década de cinquenta do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, onde as questões sociais ficaram bastante afloradas. Esse fato refletiu sem dúvidas na História, que passou a produzir inúmeros livros e discussões pautados nos movimentos populares.

A história dos movimentos populares, portanto, torna-se relevante ao tipo de história, ou parte dela, que tradicionalmente era escrita - a história das principais decisões e acontecimentos políticos - apenas a partir do movimento em que as pessoas comuns se tornam um fator constante na concretização de

⁶ CAFFÉ, Eliane. *Narradores de Javé*. [Filme – vídeo] Direção de Eliane Caffé. Brasil, 2003. 100 min. color. son.

⁷ VAINFAS, Ronaldo. A micro-história nos bastidores. In: *Os Protagonistas Anônimos da História: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p. 109.

⁸ *Ibid.*, p. 216.

⁹ *Ibid.*, p. 217.

tais decisões e acontecimentos. Não apenas em tempos de excepcional mobilização popular, como as revoluções, mas em todas ou na maioria dos períodos.¹⁰

A micro-história¹¹ contribuiu bastante com esse processo, pois ela “se debruça preferencialmente sobre temas deixados à margem, quer pela história convencional ou historicista – apegada aos grandes personagens ou eventos [...]”¹² e busca privilegiar indivíduos comuns, como agricultores, vendedores, contadores de histórias etc., tornando-os, segundo Vainfas, protagonistas anônimos da história. Ela se propõe a analisar, em escala microscópica, os dilemas, as incertezas e os impasses desses personagens do cotidiano.

A história oral, contudo, tem auxiliado muito os historiadores nessa árdua tarefa de investigação desses anônimos e tem sido cada vez mais recorrente nos projetos de pesquisa, principalmente naqueles que contemplam a história local, tendo em vista que muitos dos que vivenciaram o fato estão próximos, podendo contribuir com suas experiências, a fim de enriquecer a pesquisa.

Por muito tempo após o seu surgimento, a história oral não foi aceita, pois havia uma rejeição por parte dos historiadores que questionavam-na por sua subjetividade.

Ao contrário do conceito deturpado que se tem sobre a construção da História, a partir da oralidade, concordamos com Thompson, quando este escreve:

A história oral [...] torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma construção ao relato tido como verdadeiro.¹³

O meio que nos utilizamos para usufruir do que a história oral tem a nos proporcionar consiste basicamente nas entrevistas e para isto é preciso bem mais do que a apropriação dos conceitos e métodos históricos. É preciso tentar ampliar o conhecimento sobre indivíduo, pois é este o veículo para a produção do conhecimento

¹⁰ Ibid., p. 217- 218.

¹¹ A micro-história surgiu na Itália, portanto, em grande parte como resultado de um mal-estar de um grupo de historiadores do país diante da “independência” de modelos historiográficos importantes, sobretudo franceses e anglo-saxões. Seus fundadores são: Carlo Ginzburg e Giovanni Levi.

¹² Ibid., p. 105.

¹³ THOMPSON, Paul. História e comunidade. In: *A voz do passado: história oral*; tradução de Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 26.

desejado. Além do mais, é necessário que se considere que aquele indivíduo está condicionado às suas relações, ao meio no qual está inserido e a diversos outros fatores.

[...] Como todo registro do passado a entrevista transcrita expressa apenas uma parte da experiência histórica de seu narrador, um fragmento da cultura que ele partilha com os contemporâneos, indicando ao historiador uma possibilidade de diálogo profícuo que o possa levar a um entendimento razoável da realidade histórica experimentada, que, enfim, é o que se procura compreender.”¹⁴

Assim, o historiador procura, a partir desses indícios de uma memória particular, construir uma noção histórica, pautada na interação entre o produto desta memória e o presente.

1.2 - A cultura popular e o local

A Cultura Popular tem sido um elemento bastante recorrente na historiografia, enriquecendo e ampliando cada vez mais a nossa visão de história. “Com isso, vemos que o cotidiano toma seu espaço específico da vida do homem e da sociedade, fugindo um pouco da formalidade, próprio do mundo oficial. Portanto não se pode ignorar esse aspecto da vida, tão necessário”.¹⁵

Sob esse ponto de vista, o povo agora é agente da história, e realiza suas construções, baseando-se em suas experiências, as quais agora também possuem seu espaço através das narrações e outras formas de construir a sociedade.

Para falar de cultura popular é necessário que se tenha consciência da amplitude de sentidos que este termo carrega consigo e das ambiguidades existentes nele. Contudo, pretendemos restringi-lo, trazendo-o para o âmbito da cultura local.

A cultura popular, segundo Ricardo Moreno de Melo, “seria então um conjunto de práticas culturais levadas a cabo pelos extratos inferiores, pelas camadas mais baixas

¹⁴ NEVES, Frederico de Castro. As mil voltas de “Seu” Muriçoca: migração e paternalismo no relato de um narrador exemplar. In: *Trajetos- Revista de História UFC*. Dossiê: História, Memória e Oralidade. Vol. 2. n° 03. Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2002, p. 57.

¹⁵ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3 ed. São Paulo, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p.05.

de uma determinada sociedade.” Peter Burke parece então concordar com este conceito, porém, amplia-o ainda mais quando escreve:

O termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música [...] hoje contudo seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo "cultura" muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante.¹⁶

Thompson diz que “por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para a sua própria natureza em mudança, e os moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história.” O homem é um ser que possui a necessidade inata de se auto-conhecer, e, para adquirir esse auto-conhecimento, é preciso que se busque na coletividade a explicação para suas inquietações, já que o homem como ser social dificilmente consegue imaginar-se fora dessas relações sociais.

Clanline também apresenta o seu conceito de cultura que se propõe, desta vez, a restringir o termo à “produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido¹⁷. Nesse caso, o sistema social a que Cancline se refere está restrito a cidade de Tianguá, possuindo como recorte temporal os anos que vão da década de setenta aos dias atuais.

As relações sociais abordadas nesta pesquisa referem-se ao contexto da sociedade tianguaense e, especificamente, ao processo de mitificação de um indivíduo, que está vivo simbolicamente na memória dos moradores da cidade.

2. A CIDADE E SEU CONTEXTO SOCIAL

Antes de nos debruçarmos sobre a personagem, pretendemos entender um pouco a sociedade na qual a mesma estava inserida: Tianguá, cidade para a qual seu Chaga

¹⁶ MELO, Ricardo Moreno de. *Cultura Popular*: pequena discussão teórica. Disponível em: morenoricmelo@yahoo.com.br. Acesso em: 26/11/10.

¹⁷ Ibid.

veio na década de cinquenta, quando tinha por volta dos 35 anos. Porém, o recorte temporal ao qual pretendemos nos deter são as décadas de setenta e oitenta.

É fácil perceber a atuação desse contexto na construção da personagem, uma vez que a cidade, na época, não possuía muitos espaços de lazer, cabendo então às bodegas¹⁸ atuarem como esses espaços de distração. Lá, os homens, especialmente os de poucas posses, reuniam-se para beber, comprar produtos, contar e ouvir lorotas.¹⁹

Percebemos, a partir das relações de sociabilidade estabelecidas nas bodegas, semelhanças com as identificadas nos botequins da obra “Trabalho, lar e botequim”, de Sidney Chalhoub, o papel destes

[...] como centro aglutinador e difusor de informações entre os populares. E mais do que isso, a referência à venda como “observatório popular” sugere que este é um ponto privilegiado, uma espécie de janela aberta, para o estudo de padrões de comportamento dos homens pobres em questão.²⁰

Foi também nesse espaço de socialização que nasceu o mito Chaga da Onça, que a partir das histórias contadas nesse local, a personagem foi aos poucos ganhando fama, e, onde estava “Seu Chaga,” a diversão era garantida por suas historietas mirabolantes.

Um dos nossos mais ilustres conterrâneos, com certeza Chaga da Onça está na mente de todos os tianguaenses. Conhecido por seu hábito de faltar com a verdade em suas histórias, ficou famoso como sendo o maior mentiroso da cidade de Tianguá. Mas um mentiroso apenas com sinônimo de contador de histórias, pois este fazia a mente das pessoas voar com seus contos extraordinários e únicos.²¹

As histórias contadas por “Seu Chaga” foram sendo difundidas pela cidade por aqueles que frequentavam a sua bodega, porém, esse espaço não foi o único utilizado

¹⁸ Taberna, armazém de secos e molhados. Atualmente é um termo utilizado para referir-se a algo que não sabe-se ou não se lembra o verdadeiro nome. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acessado em: 10 de julho de 2011.

¹⁹ Piada; fofoca; mentiras; conversa sem fundamento. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acessado em: 21 de junho de 2011.

²⁰ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 212.

²¹ ARAÚJO, Gilmar. *Cidadãos Ilustres*. Disponível em: <www.tianguaesperto.com>. Acessado em : 26/11/10.

por ele para a narração de suas histórias, ele também o fazia na casa de conhecidos e em outros locais que frequentava.

Utilizando-se do conceito de cultura de Cancline, vemos no ato de contar histórias realizado por Chaga da Onça, a representação simbólica de uma estrutura material, no caso, a sociedade tianguaense e a necessidade de distração e lazer em uma cidade que não havia muitos espaços reservados para isso.

Na época, havia alguns espaços de lazer na cidade, entre eles citamos o Ibiapaba Clube, que, refletindo uma sociedade preconceituosa, inicialmente só admitia ser frequentado por aqueles que fossem brancos, considerados da elite tianguaense e, além do mais, somente as pessoas bem vestidas poderiam adentrar no espaço. Aos poucos, seus administradores vão admitindo a entrada de pessoas negras e não participantes da elite local. Lá, eram realizados carnavais, festas juninas e outras comemorações. Na década de oitenta, em virtude do grande número de frequentadores, o espaço teve que ser expandido, porém, ao final dessa década, o clube começou a entrar em decadência, sobretudo por causa das festas públicas realizadas nas praças, e veio a falir.

Além do Ibiapina Clube, havia alguns outros, como: Mustanga e o Pau-Brasil, que também selecionavam a sua clientela pelas vestimentas e no caso do Pau-brasil, também pela classe social. O Cine Santana, a casa de forró do Chaga Ibiapina e o Forró do Tarcisão, eram frequentados pelas camadas sociais mais baixas da população tianguaense nas décadas de setenta e oitenta. De acordo com alguns moradores da época, só quem frequentava o Forró do Chaga Ibiapina e do Tarcisão eram as “pés de fogão”,²² ou seja, o povão.

Percebemos, com isso, o quanto os espaços, ou a ausência destes, refletem na cultura do local. Isso ocorre principalmente porque as pessoas tendem a adequar seus costumes ao espaço em que vivem.

Registrar as manifestações de uma determinada sociedade é de certa forma, manter sua identidade cultural e auxiliar na busca das gerações posteriores por suas origens. Porém, não significa dizer que esses registros sejam inquestionáveis, ou inverossímeis, mas estão suscetíveis, como qualquer outro documento, a falibilidade.

²² De acordo com o senso comum, pé de fogão é a pessoa que trabalha como empregada doméstica; ralé, povão.

3. COMO NASCE UM MITO

3.1 - As várias faces de Chaga da Onça

O senhor Francisco das Chagas Albuquerque é natural da cidade de Coreaú, filho de Francisco Galdino Albuquerque, lavrador, e de Maria do Livramento Frota Albuquerque, costureira. Veio morar em Tianguá com aproximadamente 35 anos de idade, com seus filhos e esposa. Em Coreaú, Seu Chaga trabalhava como pedreiro, até que em determinado dia teve que realizar uma obra na cidade da serra e agradou-se do lugar, trazendo sua família para residir no local.

Seu Chaga, como era conhecido, exerceu várias atividades no decorrer de sua vida: foi dono de uma vacaria, mestre de obras, quando já idoso, foi proprietário de um comércio que vendia caldo de cana, entre outras coisas.

Como pai, segundo sua esposa, D. Maria Ximenes de Albuquerque, era muito bom e disciplinador e ainda segundo ela, também era um bom esposo.

De acordo com o Sr. José Ribamar Queiroz (Riba), que por muitos anos morou próximo a casa de Seu Chaga, era um bom vizinho e atraía a atenção dos mais próximos com suas inúmeras histórias.

É, ele tinha um comércio, ele vendia caldo de cana e... a gente ia pra lá, ele tinha um comércioim pequeno, [...] e... as vezes um amigo chegava e pedia pra ele assim: seu Chaga, conte uma mentira, né!? Aí ele dizia, a pessoa dizia: conte uma mentira que eu lhe dou vinte reais, vinte mil cruzeiros. Aí ele dizia: não, eu não posso contar não, porque nestante uma mulher ali botou foi quarenta pra mim contar uma e eu não contei.²³

Podemos perceber através do depoimento de Sr. José Ribamar (Riba), que os vizinhos e amigos de seu Chagas prestigiavam os momentos de narração de suas histórias e até demonstravam interesse em conhecê-las. Resta-nos saber o porquê do interesse dessa comunidade em ouvir as ‘anedotas’ de Seu Chaga. Teriam elas algum significado para eles ou serviam apenas como entretenimento? Essas são outras questões que pretendemos responder até a conclusão desta pesquisa.

²³ José Ribamar Queiroz. Entrevistado em 10 de abril de 2011. Tianguá – CE.

Vamos neste momento pretendemos nos deter na fala de D. Maria Albuquerque, esposa de Seu Chaga, quando a mesma refere-se a ele como sendo um bom esposo, bom pai, mas também disciplinador. Vemos que, além de hábil contador de lorotas, sabendo encantar o público a ponto de ser constantemente procurado para contar uma de suas muitas histórias, ele também sabia lidar com sua família, ser rígido no momento que julgava conveniente. E essa rigidez era característica marcante na personalidade dele, deixando-a transparecer até nos seus momentos de descontração, ao contar suas muitas histórias.

[...] a gente sabia que eram histórias, como se fosse histórias de trancoso, agora ele que levava a sério, quando ele contava uma história pra gente ele contava muito sério e ele num gostava que a gente achasse graça assim, porque... ele, se você sorrisse do que ele falou, ele dizia: olha, eu to falando a verdade, eu não tô mentindo. Só que a gente sabia que era uma história de trancoso, né!?²⁴

O Sr. Ribamar refere-se às anedotas de Seu Chaga como sendo histórias de trancoso²⁵, termo muito utilizado no interior para se referir a alguma história que não é real, aquilo que é fruto da imaginação.

Analisemos também na fala de Sr. Ribamar o fato de Seu Chaga não admitir que rissem de suas histórias e afirmar que aquilo que estava falando era a pura verdade. Essa personalidade desse grande homem foi retratada pelo historiador e cordelista João Bosco Gaspar²⁶:

Fumava um forte cigarro
Era sério e moralista
E durante a narração
De nós não tirava a vista
Não gostava de risadas
Dizia ser caçoadá
De meninos anarquistas.

Parece que no universo dos contadores de história não há lugar para mentiras, mas o que de fato impera é a força da imaginação, do divertir e divertir-se com os

²⁴ Ibid⁸

²⁵ Ficção, fantasia, histórias do imaginativo popular, coisa irreal, lenda. Disponível em: <<http://www.achando.info/index>>. Acessado em 20 de junho de 2011.

²⁶ Poeta popular, cordelista, contista, sonetista, pesquisador e historiador. Natural de Tianguá. É graduado EM Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e pós-graduado (Lato-Sensu) em História, Cultura e Patrimônio pelas Faculdades INTA (Instituto Superior de Teologia Aplicada) ambas em Sobral.

momentos de narração dos causos. E o que os torna cômicos é justamente essa falta com a verdade. É como uma fuga da realidade, que parece, às vezes, tão cruel, principalmente para aquelas pessoas que não dispõem de muitos recursos e contam, na maioria das vezes, com a força da palavra para se auto-afirmar. Tais pessoas, muitas vezes anônimas, encontram na palavra a válvula de escape para a realidade do dia-a-dia, muitas vezes injusta com os mais fracos.

Todas as crianças e adultos gostam de ouvir as estórias do famoso Chaga da Onça, figura popular que de forma irreverente tem conquistado admiradores em toda a cidade devido a seus causos mirabolantes.

Chaga da Onça é um homem simples, na sua meia idade, usava calça e camisa social, um chapéu na cabeça, era sério e moralista, não gostava que duvidasse de seus feitos ou da veracidade de suas estórias, recheadas de muita imaginação, aventuras, valentia e terror.²⁷

A professora Vânia Maria Nogueira de Vasconcelos, em parceria com o Instituto Lamparina²⁸ e apoio do Governo do Estado do Ceará, escreveu um livro infantil narrando várias histórias conhecidas em Tianguá, e, como não poderia deixar de ser, entre as várias histórias do livro está um dos causos de Seu Chaga. Em um trecho do texto a autora conta a história de um jerimum de mil quilos colhido no roçado do pai da personagem. João Bosco Gaspar também faz referência a essa história em seu cordel; “O primeiro roçado da serra”:

Nessa hora desabou
E vinha muito ligeiro
Um jerimum de 1.000 quilos
Descendo o despenhadeiro
Papai não saiu do meio
Pegou o bicho de cheio
Pois era um bom goleiro.

Vejamos que a pessoa de seu Chaga e suas histórias chamam bastante a atenção de grande parte da comunidade tianguaense, o que faz com que sejam criados cordéis, histórias infantis, ou um trabalho científico como este, e contribuindo de modo que os seus causos não se percam na memória desta sociedade. Além do mais, como já foi anteriormente mencionado, os tianguaenses comumente utilizam-se do nome “Chaga da Onça” para se referir a alguém que falta com a verdade, não no sentido depreciativo da

²⁷ Trecho da obra Contos e Lendas das Terras do Barroco da professora Vânia Maria N. Vasconcelos, um projeto apoiado pelo Governo do Estado do Ceará com a parceria do Instituto Lamparina.

²⁸ Instituto de Desenvolvimento Social e Cultural Lamparina, trabalha com a criação e execução de projetos socioculturais na cidade de Tianguá.

palavra, pois as histórias de Seu Chaga possuem muito mais um sentido de causos para entreter, divertir e não causar danos, como é próprio da mentira contada para prejudicar ou provocar intrigas.

Vemos através da comparação e análise da personalidade de Seu Chaga, nas várias fontes que utilizamos, seja o cordel, livro infantil ou mesmo por meio da oralidade, a reafirmação de seus valores como homem do interior, religioso, educado de forma rígida e preparado para não faltar com a verdade. Talvez por esta razão ele nunca admitisse que o chamassem de mentiroso e até ficasse bravo quando era chamado assim, já que a mentira não é própria de pessoas honestas como ele, que até demonstrava não admitir contatos com pessoas mentirosas. “O Chaga era religioso, [...] Ave Maria! Se contasse uma mentira pra ele, ele não queria mais nem saber daquela pessoa que era mentiroso, ele dizia: esse aí ninguém confia não.”²⁹

Vemos através da fala da viúva de Seu Chaga que o mesmo não admitia que mentissem para ele, afinal, aquele que mente não é digno nem mesmo de sua confiança.

As muitas contradições entre as histórias de Seu Chaga e o seu discurso nos fazem refletir sobre a imagem que o mesmo queria construir de sua pessoa. Ele não admitia que o chamassem de mentiroso, pois para ele, suas histórias eram apenas causos fictícios e não tinha a intenção de ludibriar seus ouvintes, mas sim entretê-los e divertí-los. Afinal, aquilo que contava era tão mirabolante que dificilmente encontraria alguém que acreditasse.

Contudo, sua fama espalhou-se de tal forma que onde se conhece suas histórias, quem mente fica tachado de Chaga da Onça. Atualmente, até redes em páginas sociais são dedicadas ao “mestre da mentira”.

Conta a lenda que o Chagas, matou uma onça de um murro. É o cara mais mentiroso que o mundo já viu. Ele menti que dá bom-dia a jumento! Ele é natural de Tianguá, mas devido aos feirantes que vinham a Serra da Ibiapaba essa história foi se espalhando, tanto que todo aquele que mentir, fica logo tachado de Chaga da Onça.³⁰

Há muitas contradições a respeito do porque do nome “Chaga da Onça”. No entanto, entendemos que isso se dá pelo próprio processo de construção popular, onde

²⁹ Maria Ximenes de Albuquerque. Entrevistada em 19 de junho de 2011. Tianguá – CE.

³⁰ Disponível no endereço: <<http://www.orkut.com/Community?cmm=2842322>>. Acessado em 19 de junho de 2011.

as memórias são construídas de forma aleatória. É a partir do embate desses vários discursos que criamos nesta pesquisa mais uma leitura da pessoa e da personagem trabalhada, que vem sendo construída ao longo dos últimos anos.

De acordo com sua esposa, a alcunha acompanhou-lhe desde os seus seis anos de idade. Este vulgo deu-se em virtude de ter recebido de sua mãe a tarefa de vender ovos em uma comunidade próxima de sua então residência em Coreaú. Ao chegar a uma mata que ficava no meio do caminho, avistou um soim³¹, e ao sair correndo, derrubou os ovos. Chegando em casa assustado, disse inocentemente à mãe que teria visto uma onça na mata e por isso havia derrubado os ovos. A partir de então, seus familiares começaram a tratá-lo por oncinha e posteriormente Chaga da Onça.

Outras pessoas, como é o caso do Sr. “Riba”, que por muitos anos foi vizinho de seu Chaga, contam uma outra versão para a razão do apelido: “[...] por esse motivo é que o nome dele era Chaga da Onça, ele gostava de contar muito história de onça, ele contava história de onça e...de.. então por esse motivo ele... o apelido dele era Chaga da Onça”.

3.2 - Mentira: ato vergonhoso ou astuto?

A mentira proferida por Seu Chaga era simplesmente, conforme já mencionado anteriormente, de caráter lúdico, tendo a simples função de alegrar as pessoas que as ouviam. Mas, e a mentira é de fato algo vergonhoso ou é astúcia daqueles que a proferem?

Platão na sua obra “Sobre a inspiração poética & Sobre a mentira”, através do segundo diálogo entre Sócrates e Hípias que versam sobre a mentira, conclui que saber mentir vale mais do que dizer a verdade meramente por não se saber manipulá-la- e que a capacidade de inventar os fatos é em si algo positivo. Seria, pois, a mentira resultado de uma mente criativa e engenhosa?

Nesse sentido as histórias contadas por Seu Chaga eram mentiras, mas mentira tida apenas como uma inverdade, ou seja, algo que não ocorreu de fato, que é produto da imaginação. Coisa que só seres superiores podem fazer, pois possuem a capacidade de manipular a verdade e o fazem tão convincentemente que levam aqueles que os ouve, a, pelo menos por um instante, ser convencido da veracidade de tal história.

³¹ Nome popular do Sagui. Pequeno macaco originário das florestas brasileiras. Nome científico: *Saguinus imperator*.

De acordo com Platão, “os mentirosos são capazes e inteligentes, e conhecedores, e sábios naquilo em que mentem”. Nesse caso, reconhecemos Chaga da Onça como sendo dotado das características mencionadas pelo filósofo. Talvez encontremos aí a resposta para tantos regozijarem-se em ouvir seus causos: a capacidade, inteligência, conhecimento e sabedoria que é própria dos mentirosos. Afinal, conseguir inventar tantos fatos, cenários e personagens não é para qualquer um, mas para os superiores, “Mas os que mentem *voluntariamente* não se mostram há pouco superiores aos que o fazem *involuntariamente*?”³².

De acordo com a visão de Platão, a mentira pode ser vista através de duas faces. Uma delas é sob a condição de ser dita voluntariamente, que é algo digno de reconhecimento, pois indica que o indivíduo que o faz mostra-se capaz e até sábio. Por outro lado, temos a mentira proferida involuntariamente, que seria algo banal, proveniente de seres comuns.

Sócrates ainda reflete sobre a multiformidade do homem mentiroso: “Ao que parece, você está dizendo que o multiforme é mentiroso... [...] Parecia então [...] como era de se esperar, que o homem verdadeiro era um, e o mentiroso, outro - mas não a mesma pessoa...”³³.

Podemos fazer uma comparação entre o que escreveu Platão e o comportamento de Chaga da Onça. De acordo com dona Maria X. de Albuquerque, ele não costumava contar suas histórias para seus filhos e esposa, afinal, como pai de família, tinha que manter a postura moralista para poder impor disciplina a seus filhos. Por outro lado, vemos um homem que no ambiente de trabalho sempre encontrava tempo para narrar um de seus feitos. Mas, ainda nesse espaço, agia de forma ríspida com aqueles que se comportassem de forma desrespeitosa em relação às suas historietas, apesar de demonstrar sempre disponibilidade para narrá-las. Seria Seu Chaga um homem multiforme?

Platão acredita que “uma mesma pessoa é mentirosa e verdadeira [...], e que o verdadeiro não é em nada melhor que o mentiroso, pois são certamente a mesma pessoa e não se contrapõem [...]”³⁴. Dentro da personalidade de Seu Chaga habita o homem mentiroso (ratífico, no sentido lúdico) e o verdadeiro que é expresso através da

³² PLATÃO. *Sobre a inspiração poética (Íon); Sobre a mentira (Hípias Menor)*. Tradução de André Malta. Porto Alegre, L&PM, 2007, p. 77.

³³ Ibid., p. 62.

³⁴ Ibid., p. 68.

disciplina que impunha aos filhos. Ambos os homens, tanto o mentiroso quanto o verdadeiro, completam-se entre si, resultando numa vivência harmoniosa.

Durkheim fala do papel social. Essa expressão (papel social) tem o sentido de encenação, como no teatro, onde cada ator interpreta um papel diferente. De acordo com ele, o homem comporta-se diferentemente, conforme o ambiente no qual está inserido. Isso não o faz um homem de dupla personalidade, mas sim um indivíduo suscetível a adaptação ao local em que se encontra. A partir disso podemos compreender a ambiguidade de comportamento existente no Sr. Francisco das Chagas Albuquerque. Ora, somos todos, como seres humanos, a partir da interpretação de Durkheim, atores do cotidiano, apesar de mesmo assim permanecermos no anonimato.

O próprio senhor Riba, mesmo nunca frequentando uma universidade e, conseqüentemente, nunca tendo conhecido as obras de Durkheim, reconhece nas expressões de Chaga da Onça uma encenação, afinal o papel do ator deve ser interpretado tão convincentemente a ponto de os que o assistem entrem naquela pseudo-realidade.

Não, ele não aceitava, quando ele contava uma história pra gente se a gente risse da história, ele ficava zangado, se por acaso a gente dissesse que era mentira, ele ficava com raiva, porque ele contava como se fosse a verdade mesmo, ele era como um ator, como se fosse um ator mesmo.³⁵

Como um bom ator do cotidiano, Chaga da Onça, interpretando a vida por meio de seus causos, nunca permitia ser tachado de mentiroso, pois, de fato, o adjetivo que mais se encaixa na pessoa dele é “interprete do cotidiano”.

Vasculhando a história de nossos antepassados, encontramos fatos e causos que nos revelam a simplicidade da vivência de pessoas, que espontaneamente, mesmo sem haver sentado em bancos de Universidades, obtiveram glórias na Faculdade da Vida, através de seus conhecimentos rudimentares e de suas habilidades peculiares imaginativas. Desvendar esses fatos/causos, muitas vezes pitorescos, é lançar luz sobre um passado nostálgico e deslumbrante da história de vida de personagens “anônimas”, que através dos tempos, deixaram as gerações atuais, seus legados históricos, ensinando-nos assim, a compreender melhor nosso tempo presente.³⁶

³⁵ Ibid. ⁸

³⁶ MATOS, José de. III Festival Chaga da Onça. *Jornal da Ibiapaba*, Tianguá, segunda quinzena de junho 2010. p. 02.

A mentira contada como caso/história é uma façanha desenvolvida pelo homem como válvula de escape para superar as dificuldades do dia-a-dia, além de caracterizar como uma oportunidade de reafirmação dos valores dos indivíduos anônimos. Nesse aspecto ela é considerada astúcia, pois é resultado de uma mente criativa e sábia.

3.3 - Festival Chaga da Onça: o resultado de uma fama que ecoou pelos tempos

O Festival Chaga da Onça nasce da iniciativa dos senhores Davynce e Ciriá, que, utilizando-se do fato de na cidade de Tianguá haver poucos lugares de lazer, resolveram criar um festival onde as pessoas contassem suas anedotas. O nome atribuído ao evento foi o de Chaga da Onça, pois, na cidade e, até na microrregião da Ibiapaba, seu nome é sinônimo de mentira, por sua fama de faltar com a verdade em muitas histórias. O dia escolhido para a realização do festival foi o 1º de abril, conhecido nacionalmente como o dia da mentira. Afinal, como falou o Sr. Davynce em entrevista “não tinha um dia melhor do que esse pra fazer uma homenagem a ele.”³⁷.

O primeiro evento foi realizado em 1º de abril de 2008 em uma travessa entre as ruas 12 de agosto e Maestro Quincas Bizerril³⁸. Foi um evento bastante tímido, apoiado pela comunidade vizinha ao Bar do Ciriá, estabelecimento comercial, que patrocinou o evento. O prêmio foi um troféu para a pessoa que contasse a mentira mais interessante. Os participantes faziam sua inscrição e assim podiam concorrer ao prêmio e contar sua história.

Já no segundo evento, houve um esmero maior na preparação do evento. Para participar do festival era cobrada uma taxa, a fim de que fosse pago o prêmio em dinheiro para o vencedor, visto que o evento não possui fundos lucrativos. O vencedor desse ano foi o senhor José Ribamar Queiroz (depoente desta pesquisa).

No ano seguinte (2010), houve uma divulgação em maior escala através de cartazes pela cidade, rádios e carro de som. Os organizadores puderam contar com o apoio da Prefeitura Municipal de Tianguá e alguns patrocinadores. Isso faz-nos perceber que o evento estava ganhando credibilidade na cidade. Inclusive vieram pessoas e artistas de outros lugares para prestigiar e participar do evento, como por exemplo, o

³⁷ Francisco Elinaldo Souza (Davynce). Entrevistado em 06 de junho de 2011. Tianguá- CE.

³⁸ Ruas localizadas na zona urbana de Tianguá, precisamente no centro da cidade.

humorista Skema e também Elke Maravilha, que estava na cidade trabalhando na gravação de um filme sobre Francisca Carla³⁹ e em virtude de uma campanha do Governo Federal contra a hanseníase foi prestigiar o evento. A chegada da artista ao local do festival provocou bastante surpresa por parte dos participantes e deu uma notoriedade maior ao evento.

O vencedor do concurso de anedotas no ano de 2010 foi o professor José de Matos com a história “Chaga da Onça em: a pescaria”. Nesta, o autor fala de uma caçada que a personagem iria fazer, que acabou dando uma boa pescaria.

Pegou sua espingarda socadeira, que ele tinha herdado do seu treze avô um velho de 180 anos, botou a patrona a tira-colo e tomou a direção do tianguazinho. Passando pelo riachinho, ele resolveu lavar o rosto. Nisso ele viu um cardume de piabas e decidiu pescar um pouco [...] Sentou na beira da grotta, quebrou um cipó de marmeleiro, puxou um fiapo de linha da patrona, e com um pedaço de arame que tinha entrado na apragata, fez um anzol. Como não tinha isca resolveu colocar uma peia de fumo. O negócio deu tão certo que os peixes beliscavam o fumo e quando vinha cuspir fora, ele jogava na patrona. Cada piaba pesava em média 7 quilos e 300g [...] ⁴⁰

Vemos muito de exagero na história citada, o que era característica marcante nos causos de Seu Chaga. Das histórias que se contam hoje nem todas são dele de fato, pois grande parte são criadas pelas pessoas e atribuídas a ele por sua fama de falar com a verdade. A recriação de suas histórias é mais uma prova de que a sua identidade está sendo reconstruída ainda hoje. O próprio festival é um meio utilizado nessa resignificação da personagem.

De acordo com o Sr. Davynce, a presença da artista Elke Maravilha foi tão positiva para o evento que neste ano (2011) pretende-se realizar um evento de proporção nacional, o que é bastante significativo, tendo em vista que tinha sido pensado inicialmente, como uma simples forma de divertimento entre amigos.

A gente juntou o útil ao agradável, né?!eu estava pensando em fazer...nessa época, eu trabalhava em rádio, não tinha nada a ver, eu fazia programa esportivo e de brincadeira a gente começou, a... a... tem uns amigos que mente demais e pensei em fazer uma brincadeira, tipo um festival, com três pessoas quatro, não tinha... a platéia era muito pequena, tinha dez pessoas, aí ... compramos um trofeuzim e demos o nome de Chaga da Onça em homenagem, isso aí a gente até conversou com os familiares dele, o seu

³⁹ Santa popular da cidade de Tianguá. Portadora da hanseníase ela foi segregada do meio social numa época em que o estigma criado sobre a lepra causava repulsa aos enfermos. O único modo de tentar controlar a doença era confinando os leprosos. Mas como em Tianguá na década de 50 não existia leprosários, Francisca Carla foi isolada, no meio da mata, onde passou o resto de sua vida.

⁴⁰ Ibid. ¹⁵

Benício, o Benício⁴¹ achou muito bom a idéia de homenagear o pai dele e por aí a gente começou a fazer o ... nós tamo no quarto ano e [...] o projeto tá em andamento como nacional nós tamo querendo o Festival Nacional Chaga da Onça.⁴²

A pretensão de criar o festival surgiu em virtude da ausência de espaços de lazer na cidade, sendo idealizada numa brincadeira entre amigos. Podemos fazer uma relação disso com as bodegas inicialmente citadas, espaços que serviram para promover “[...] um dos nossos mais ilustres conterrâneos”,⁴³ Chaga da Onça, ao título de homem mais mentiroso da cidade, ou até da região. Esse evento tem servido como forma de afirmação do conceito de construção da memória de Seu Chaga em Tianguá.

Através dele podemos perceber a importância da memória da personagem para a identidade local, apesar de ela não ser tianguaense, mas há uma identificação das histórias de Seu Chaga com os costumes da cidade.

O pessoal aqui é muito brincalhão [...] Aqui é muito comum a gente vê em velórios o pessoal passar a noite toda contando histórias mentirosas , pra passar a noite , é comum, a gente em velórios, a gente encontrar um pessoal que mente demais, eles num mente pouco não, e a gente queria ver se essas pessoas tinham coragem de contar pro povão, pro público maior [...] ⁴⁴

Talvez essa característica da personalidade tianguaense seja responsável pela identificação do povo com a personagem em questão. Esse humor, que segundo Davynce, é próprio da população de Tianguá, que o usa até em momentos tristes, como velórios para expressar sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos através do presente artigo o processo de construção da memória sobre a personagem de Chaga da Onça e a apropriação que o povo faz desta e de suas histórias. Um processo que se baseia principalmente na oralidade, contudo, além desta, contamos ainda com outros meios de difusão e reinterpretação de sua memória. A ausência de

⁴¹ Filho de Chaga da Onça, também gosta de contar histórias como o pai.

⁴² Ibid. ¹⁶

⁴³ Ibid. ⁷

⁴⁴ Ibid. ¹⁶

fontes escritas favorece a reinterpretação das pessoas em relação as suas histórias, pois são contadas oralmente.

As histórias de Chaga da Onça são vivas até hoje na cidade em consequência da identificação da população com os seus causos. Essa construção foi favorecida pela ausência de espaços de lazer no local, pois suas mirabolantes histórias possuem também a função de divertir e fazer rir. Outra questão que atrai os olhares em relação a ele são as contradições que o cercam, tornando-o um verdadeiro mito. Seu Chaga era e é conhecido como o homem mais mentiroso da cidade, no entanto, detestava mentiras. Ele não possuía nada de diferente dos demais homens de sua idade, a não ser o dom da palavra e a criatividade que manifestava em suas anedotas, e foi isto que o trouxe ao reconhecimento em âmbito local.

Atualmente Chaga da Onça é um ícone para a cidade, pois o mesmo também faz parte da identidade do local, suas histórias e as memórias que se tem de sua personagem criam à cada dia um novo “Chaga”, o mito, fazendo até mesmo com que muitos pensem que o mesmo nunca existiu, que é uma mera criação do imaginário popular.

Na verdade, o “Chaga” que conhecemos atualmente nada mais é do que produção imaginativa do que propriamente aquele homem que viveu em Tianguá a partir da década de cinquenta. O que temos contato atualmente é com a resignificação deste grande contador de causos, que a partir da habilidade que tinha, fez com que nascesse um dos mais ilustres tianguaenses “Chaga da Onça”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Gilmar. *Cidadãos Ilustres*. Disponível em: www.tianguaesperto.com. Acesso em : 26/11/10.

AYALA, Marcos. AYALA. Maria Ignez Novais. *Cultura Popular no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3 ed. São Paulo, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

BARKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Tradução da Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, Eric. A História de baixo para cima. In: *Sobre História*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 216-131 p .

MELO, Ricardo Moreno de. *Cultura Popular: pequena discussão teórica*. Disponível em: morenoricmelo@yahoo.com.br. Acesso em: 26/11/10.

NEVES, Frederico de Castro. As mil voltas de “Seu” Muriçoca: migração e paternalismo no relato de um narrador exemplar. In: *Trajetos- Revista de História UFC*. Dossiê: História, Memória e Oralidade. Vol. 2. n° 03. Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2002. 55-68 p.

PLATÃO. *Sobre a inspiração poética (Íon); Sobre a mentira (Hípias Menor)*. Tradução de André Malta. Porto Alegre, L&PM, 2007.

RIOS, Kênia. O teatro de seu Muriçoca: memórias de uma farda. In: *Trajetos- Revista de História UFC*. Dossiê: História, Memória e Oralidade. Vol. 2. n° 03. Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2002. 61-96 p.

THOMPSON, Paul. História e comunidade. In: *A voz do passado: história oral; tradução de Lourenço de Oliveira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. A micro-história nos bastidores. In: *Os Protagonistas Anônimos da História: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. 105-142 p.

CARMO, Paulo Sérgio do. *Sociologia e Sociedade Pós-Industrial*. 1° ed. São Paulo: Paulus, 2007.

